

1. - INTRODUÇÃO

1 - Introdução

A assim chamada reação hansênica é uma condição conhecida desde 1848, das descrições de DANIELSSEN e BOECK . Contudo, apesar dos vários estudos clínicos, baciloscópicos, histopatológicos e imunológicos, a sua verdadeira natureza ainda é motivo de conjeturas.

As varias teorias propostas para sua interpretação, baseadas nos achados histopatológicos ou na natureza variada dos seus desencadeantes, não explicam todos os aspectos do processo.

Os estudos realizados carecem de uma metodologia uniforme. Assim, o quadro reacional, que envolve pró-dromos, período de estado, fases de declínio e término e uma tendência a recidivas, que pode obedecer a uma periodicidade, e avaliado pelos varios autores geralmente no seu conjunto. Os trabalhos versando sobre os aspectos laboratoriais, por exemplo, não referem em sua maior parte, a fase em que o material a ser pesquisado foi colhido.

O aspecto das lesões papulosas ou nodulares, que vinculou este fenômeno ao eritema nodoso ou eritema polimorfo de outras etiologias, também tem sido motivo de controvérsias, assim como a identificação das lesões supuradas com o fenômeno de LÚCIO que ocorre na hanseníase lazarina.

A reação hansênica ocorre mais frequentemente nos pacientes sob tratamento e depois de um certo período deste, parecendo estar ligada a presença de bacilos com morfologia modificada. Os autores, porém, divergem quanto ao seu prognóstico, uns considerando-a uma piora do processo, outros uma melhora da doença e outros ainda uma condição que deteriora o estado geral mas que seria uma expressão de que a moléstia está sendo combatida.

A reação ocorre nos casos virchowianos, segundo a maior parte dos pesquisadores, mas há quem admita a

sua ocorrência nos casos limítrofes, ou mesmo que seja uma forma de "viragem" para esse grupo.

Apesar dos múltiplos trabalhos sobre o tema e de importantes conclusões de simpósios, como o de Tóquio, em 1954, o do Rio de Janeiro, em 1956, tendo sido ainda assunto de "panels" especiais nos congressos de Madrid, em 1953, Tóquio, em 1958, e Rio de Janeiro, em 1963, muitos dos seus aspectos permanecem sem solução. Mesmo o seu tratamento, que até há bem pouco era empírico, e que hoje, com o advento dos corticosteróides e da talidomida, tornou-se mais objetivo, ainda é motivo de discussão. Não se conhece ainda o mecanismo de ação da talidomida, embora ela tenha demonstrado excelente atividade no controle da reação hansênica.

Em vista disso, justificam-se mais estudos sobre o tema, que visem contribuir para o esclarecimento das várias incógnitas que ainda persistem.

A isso nos propomos no presente trabalho, procurando com uma metodologia clinico-laboratorial estabelecer um quadro do eritema nodoso hansênico e correlacioná-la com vários exames de laboratório em pacientes observados em uma determinada fase dessa condição.